



O Papel Da Escola No Combate ao Racismo Estrutural¹

The Role of Schools in Combating Structural Racism

Maria Cibelle Moreira de Araújo¹

EEMTI Huet Arruda, Moraújo, CE, Brasil, 0000-0003-2857-6477

cibellesocial86@gmail.com

Jorge Luís de Oliveira Gomes²

EEMTI Huet Arruda, Moraújo, CE, Brasil, 0000-0002-3033-6037

jorgeoliveiragomes@gmail.com

Resumo

O Brasil é um país que não possui uma característica que o identifique assim como outros países, Alemanha por exemplo. Isso porque o Brasil tem em sua base originária vários não uma só “raça”, mas está assentada em várias culturas diferentes, como os povos indígenas, africanos e portugueses que constituem os alicerces do Brasil. Foi a partir da fusão desses povos que o Brasil foi concebido, contudo, há certa resistência em se reconhecer como um povo miscigenado, pelo menos por parte de uma grande parcela da população. O fato é que o Brasil mesmo sendo simbioticamente unido a África e ao negro tem dificuldade de entender esse fato, o que faz com que muitas práticas e discursos racistas sejam produzidos e reproduzidos. A miscigenação não é suficiente para erradicar o racismo e hoje já podemos falar de racismo estrutural como um desdobramento das práticas racistas, se não seu sofisticamento. De modo que o objetivo deste trabalho é mostrar que o nascedouro do racismo está no processo de colonização, retornando assim às suas origens históricas. Para então poder diagnosticar quão profundas são suas raízes na construção da sociedade brasileira, deste modo, poderemos entender qual papel a escola ocupa no processo de formação e construção de uma nova mentalidade que atue a formação de indivíduos mais conscientes de suas origens.

Palavras-chave: Discriminação; Racismo; Racismo Estrutural; Cultura; Violência.

Abstract

Brazil is a country that does not have a characteristic that identifies it like other countries, Germany for example. This is because Brazil has in its original base not just one “race”, but is based on several different cultures, such as the indigenous, African and Portuguese peoples who constitute the foundations of Brazil. It was from the fusion of these peoples that Brazil was conceived, however, there is some resistance to recognizing itself as a mixed people, at least from a large portion of the population. The fact is that Brazil, even though it is symbiotically united with Africa and black people, has difficulty understanding this fact, which causes many racist practices and discourses to be produced and reproduced. Miscegenation is not enough to eradicate racism and today we can already talk about structural racism as an offshoot of racist practices, if not their sophistication. Therefore, the objective of this work is to show that the origin of racism is in the process of colonization, thus returning to its historical origins. In order to then be able to diagnose how deep its roots are in the construction of Brazilian society, in this way, we will be able to understand what role the school plays

¹ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa: **Racismo Estrutural: Eu, Nós e os Outros** realizado na EEMTI Huet Arruda, na cidade de Moraújo, CE. Cujo objetivo principal é levar para a sala de aula a discussão científica acerca da problemática do racismo estrutural e do racismo como um todo.



in the process of formation and construction of a new mentality that promotes the formation of individuals more aware of their origins.

Keywords: Discrimination; Racism; Structural Racism; Culture; Violence.

1 Introdução

O Brasil é um país tão singular que em nenhuma outra parte do mundo existe um outro com tais características, não há sobremaneira uma identidade que caracterize o povo brasileiro, uma vez que não há um arianismo (pureza de raça) no Brasil e essa é sua principal marca. O Brasil é um país essencialmente miscigenado, o que torna impossível pensá-lo sob o viés de uma unidade. Contudo, percebe-se que apesar dessa miscigenação toda não há um reconhecimento da mesma, sendo que volta e meia, vem à tona a ideia de uma raça pura, o que tem como consequência uma série de preconceitos e isso se dar por parte de uma grande parcela da sociedade brasileira. De modo que hoje ainda podemos presenciar inúmeros casos de intolerância das mais variadas formas, religiosas e, sobretudo, raciais. Como afirma o antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga, não há um antídoto para o racismo, caso houvesse tal antídoto já o teríamos aplicado, ou seja, a discussão que gira em torno do racismo precisa ser feita, pois o racismo é como uma árvore cujas raízes são profundas e seus galhos são longos.

Pensando nisso, é de suma importância levar as pessoas não só da comunidade escolar, ainda mais no atual contexto de desinformação onde se vê um retorno de mentalidades segregacionistas nos jovens que por muitas vezes reproduzem discursos, ações e práticas racistas a refletirem sobre tais práticas e acima de tudo compreenderem além das origens, as suas consequências. Direta ou indiretamente essas ações e práticas são um reflexo de uma consciência que se arrasta há mais de quatro séculos no seio da sociedade brasileira, a consciência do branco colonizador, por esse motivo podemos seguir a letra de Silvio Almeida (2021) que afirma ser normal o racismo, contudo, não podemos considerá-lo correto, haja vista o fato de ele estar na base da construção social e identitária brasileira. Por esses mesmos motivos, precisamos buscar formas alternativas de combatê-lo.

A falta de compreensão faz com que ainda existam inúmeros focos de práticas, falas e ações racistas, contudo, estando munidos dos elementos da crítica, os mesmos autores de tais práticas poderão no decorrer da sua vida tornar-se agentes de combate, passando assim a



enfrentar qualquer pensamento, ideologia ou ação que no horizonte desta temática, ou seja, do racismo e nos nossos dias ainda mais do racismo estrutural. Entender que o Negro está na base da construção indentaria brasileira e que por isso mesmo, é merecedor de todo respeito e admiração, mas entender também que é “normal” o racismo, e por isso a importância de discutir e compreender o assunto, pois por mais que seja normal, não podemos considerá-lo correto.

É notório que precisamos em todos os âmbitos lutar para que o racismo seja de forma definitiva erradicado de nossa sociedade, e a escola ocupa o fronte central na luta contra esta prática tão hedionda, que fere não só o indivíduo na sua subjetividade, mas fere sua própria humanidade. Não se trata apenas de um discurso subjetivo de ser ou não racista, Djâmila Ribeiro em seu *Pequeno Manual Antirracista [2019]*, diz que trata-se acima de qualquer outra coisa, de compreender o aspecto estrutural do racismo.

Sabendo que há uma considerável produção de estudos acerca do racismo, recentemente, o racismo estrutural tem levantado muitas discussões e a partir dessas discussões tem-se produzido uma gama de livros, artigos científicos, filmes, documentários etc., ainda assim, tem-se percebido o ressurgimento da mentalidade segregacionista o que preocupa, pois há o risco real com o ressurgimento ou em todo caso a potencialização da consciência racista, sobretudo, no âmbito escolar. Nosso estudo vem suprir, isto é, somar de forma didática a necessidade de informações sobre o tema, com o intuito de combater a segregação e acima de tudo evitar que conflitos, e a violência gratuita seja perpetrada nas escolas e fora delas também.

Considerando que os nossos jovens são vulneráveis, bastante suscetíveis a sofrerem e acima de tudo, praticarem violências das mais variadas formas, mesmo que indiretamente podemos inferir que essas práticas carregam em grande medida uma orientação que segrega, como apelidos ofensivos relacionados a cor, raça ou etnia, a exemplo podemos citar o caso ocorrido no ano de 2022 no Colégio Visconde de Porto Seguro, no interior de São Paulo, onde em decorrência das eleições gerais um garoto negro recebeu ameaças em grupo de WhatsApp criado por colegas de escola que exaltavam o (neo)nazismo, sabemos que existem causas sociais por trás, o que não impede de ser associado a grupos extremistas e de extermínio. Este estudo nos permite ter uma compreensão mais adequada desse tema o que possibilitará



esclarecer não só os nossos jovens sobre os riscos que ele oferece, como também esclarecer toda a comunidade.

Outro fator importante que atesta a relevância deste estudo, é o fato de hoje o racismo está assumindo novas formas e se apresenta em alguns aspectos mais violento, ou nem tanto assim, o que podemos chamar de racismo estrutural, mas o racismo enquanto violência gratuita e direta é mais evidente sua prática, basta tomarmos como exemplo as manifestações racistas em estádios de futebol (exemplo temos o caso Vinícius Júnior ocorrido este ano 2023). São eventos públicos que congregam milhares de pessoas, estas por sua vez, destilam em determinados momentos todo um instinto violento sobre outros indivíduos, especificamente jogadores negros. Diante disso podemos nos perguntar: porquê já quase na metade do século XXI ainda presenciamos manifestações racistas tão fortes e praticadas com tanta veemência? Para tanto, o objetivo principal deste estudo é conhecer o processo de colonização do Brasil como momento nascedouro do racismo, afim de diagnosticar as raízes deste problema que perdura até nossos dias. A partir disso poder avaliar que papel a escola tem ocupado no combate a esta prática. Uma vez que é a escola é o espaço onde confluem as mais variadas personalidades, gostos e são as escolas também que fornecem os principais ambiente de ocorrência de práticas como o racismo, assim também como a do bullying.

2 Metodologia

A metodologia deste estudo pode ser dividida em quatro etapas. A primeira consistiu levantamentos bibliográfico e na revisão da literatura disponível afim de compreender qual o estado da arte. A segunda etapa ficou restrita às leituras e fichamentos do material encontrado junto aos alunos. A terceira etapa compreendeu as atividades das disciplinas de Trilhas de Aprofundamento das 2ª séries do tempo integral, em que as produções e intervenções dos estudantes permitiram ter uma visão mais ampla de sua compreensão acerca do tema deste estudo que vale lembrar é o racismo e o racismo estrutural. A quarta e última etapa consistiu em pesquisas de campo com entrevistas e aplicação de questionários, tendo como recorte a EEMTI Huet Arruda na cidade de Moraújo- CE em que o público de estudantes possui uma faixa etária entre 15 e 18 anos.



3 O racismo: uma história

É preciso antes de qualquer outra coisa, traçarmos o percurso histórico para que possamos compreender as origens temporais do racismo, afim de entender suas efeitos e desdobramentos. Para tanto, é preciso fazer alguns apontamentos trazendo à tona a perspectiva histórica, deste modo é imprescindível começar com a relação entre a escravidão que é ponto fulcral e basilar da história do Brasil e o racismo que podemos entender em um primeiro momento como consequência direta dos quase quatro séculos de escravidão a que o Brasil esteve sujeito. Deste modo;

[...] Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, trata como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação. (RIBEIRO, 2019, p. 9-10).

O problema do racismo não pode ser compreendido sob o aspecto de uma leitura individualizada de ser ou não ser racista, pois ainda de acordo com Djamila Ribeiro (2019), o que está em jogo, não são posicionamentos morais ou individuais, mas sim um problema estrutural. Uma característica do racismo brasileiro é que ele é dirigido à comunidade negra e as suas origens africanas onde são acentuadas sempre as condições desumanas a que os africanos que foram privados de seus lares, posses, famílias, liberdade e de sua humanidade foram submetidos. Ou seja, o racismo brasileiro está diretamente ligado a escravidão, uma vez que: “[...] a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação como o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (SOUZA, 1983, 19).

Então está correto afirmar que o racismo é fruto direto do período escravista do Brasil que foi de 1530 aproximadamente indo até 1850 com a assinatura da Lei nº 581 de 1850, a Lei Eusébio de Queirós que pôs fim ao tráfico negreiro, sendo a escravidão abolida de vez em solo brasileiro com a Lei nº 3.353 de 1888, ou seja, quase quatro séculos de escravidão, o que deixaria cicatrizes profundas na sociedade brasileira que ainda não foram superadas. Ao passo que estão errados os que afirmam que em pleno século XXI é inaceitável que ainda exista preconceito e racismo, uma vez que tivemos quase quatro séculos de



escravidão em solo brasileiro, por outro lado, se levarmos em consideração o fato de que a lei que pôs fim a escravidão só foi assinada em 1888, ou seja, em pleno século XIX, temos pouco mais de um século, 135 anos desde que a emancipação foi dada aos negros, ao passo que tivemos quatro séculos aproximadamente de escravidão brasileira.

É preciso que a sociedade passe por um intenso processo de reeducação, um processo de transformação de mentalidade, onde será substituída a do branco, europeu e colonizador, pela do negro que foi privado de tudo liberdade, dignidade e humanidade. É preciso, portanto, entender a história agora a partir da perspectiva dos “perdedores” como muito bem disse *Walter Benjamin [1892-1940]* em seu ensaio *Sobre o Conceito de História [1940]*, segundo afirma o pensador alemão “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. (BENJAMIN, 1987, pp. 229-230). A denúncia feita por Benjamin aqui é ao caráter coercitivo de história, deste modo podemos concluir a partir das teses benjaminiana que a ideia de história dos vencedores deve ser superada, isso segundo aponta Oliveira (2022, p.18) “[...] propiciaria a abertura para o que podemos chamar de *histórias locais* ou *micro-histórias* que são, em linhas gerais, o reconhecimento das classes minoritárias e dos direitos dos excluídos. [...]”. Esse é o primeiro passo rumo a superação das diferenças e conseqüentemente das discriminações e preconceitos não os de raça, mas de crenças, gostos, orientação sexual etc.

A partir desses eventos de transformação do social e do real podemos então compreender a sociedade agora sob o viés da pluralidade uma vez que:

[...] O pluralismo nos impele a pensar a diversidade social, tendo como principal objetivo o fato de que não existe uma única classe social ou mesmo uma raça melhor ou superior às outras. O contrário disso se mostra problemático. Em um único nicho social habitam várias organizações sociais, além das sociedades hodiernas serem marcadas pelo pluralismo, sobremaneira, tempos plurais. Pensar as sociedades sob o viés da pluralidade significa reconhecer a fragmentação dos valores, o que propicia a criação de pressupostos para a coexistência e a aceitação das diferenças, no que diz respeito ao campo da religiosidade, da política, das questões de cunho étnico-raciais, dos direitos dos homossexuais etc. [...]. (OLIVEIRA, 2022, p. 17).

Ainda de acordo com Oliveira (2022, p. 20),

Pois em um ambiente multicultural e pluralista, as diferenças que dizem respeito à cultura, etnia, raça, religião e até mesmo as diferenças de gênero desaparecem, não no sentido de deixarem de existir, mas tornam-se comuns e as diferenças que antes as separavam agora já as une por meio do respeito mútuo e da tolerância. E a conseqüência da desconstrução de uma sociedade patriarcalista em detrimento de uma sociedade que não carrega o peso da unidade, mas que zela e valoriza as



minorias e as diferenças é sobretudo uma sociedade mais justa, igualitária e acima de tudo democrática.

Uma sociedade aberta às diferenças assume como premissa fundamental a *emancipação*. Assim podemos seguir o pensamento de *Joaquim Nabuco [1840-1910]* quando fala em abolicionismo, abolir não só a escravidão, mas abolir acima de tudo a mentalidade escravocrata. Deste modo afirma o pensador brasileiro;

Quando mesmo a emancipação total fosse decretada amanhã, a liquidação desse régimen [sic] daria lugar a uma séria infinita de questões, que só poderiam ser resolvidas de acordo com os interesses vitais do país pelo mesmo espírito de justiça e humanidade que dá vida ao abolicionismo. Depois que os últimos escravos houverem sido arrancados ao poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda mais preciso desbaratar, por meio de uma educação viril e séria, a lenta estratificação de trezentos anos de cativo, isto é, de despotismo, superstição e ignorância. O processo natural pelo qual a escravidão fossilizou nos seus moldes a exuberante vitalidade do nosso povo durou todo o período do crescimento, e enquanto a nação não tiver consciência de que lhe é indispensável adaptar à liberdade cada um dos aparelhos do seu organismo de que a escravidão se apropriou, a obra desta irá por diante, mesmo quando não haja mais escravos. [...] O abolicionismo é um protesto contra essa triste perspectiva, contra o expediente de entregar à morte a solução de um problema, que não é só de justiça e consciência moral, mas também de previdência política. (NABUCO, 2010, pp. 38-39).

Ainda segundo Nabuco (2010, p. 39):

[...] O nosso caráter, o nosso temperamento, a nossa organização toda, física, intelectual e moral, acha-se terrivelmente afetada pelas influências com que a escravidão passou trezentos anos a permear a sociedade brasileira. A empresa de anular essas influências é superior, por certo, aos esforços de uma só geração, mas enquanto essa obra não estiver concluída, o abolicionismo terá sempre razão de ser.

Deste modo, podemos entender que o abolicionismo não está efetivado, ao menos em sentido figurado, uma vez que ainda persiste aquela velha mentalidade do senhor das senzalas. É preciso como afirma Nabuco de uma educação viril e séria para erradicar de vez a “maldição da cor” da mentalidade dos indivíduos. É importante deixar claro que a escravidão não é ou não foi uma prática exclusiva de Brasil, podemos afirmar de forma bem genérica, superficial e talvez até mesmo alegórica que a escravidão é quase tão antiga quanto a humanidade. Posto que povos de todos os cantos do mundo, das mais variadas culturas e tradições possuíram escravos tais como: os gregos, egípcios, babilônios e etc., contudo, os povos escravizados por essas “civilizações” e por algumas outras eram em grande medida “espólios de guerras”, a nação perdedora era via de regra feita escrava. Por outro lado, o caso do Brasil possui uma peculiaridade, isso especificamente quando se fala da escravidão, em solo brasileiro a escravidão durou quatro séculos aproximadamente, que alguns povos



originários (aqui nos referimos aos povos indígenas) foram escravizados não há nenhuma dúvida quanto a isso, no entanto, a escravidão brasileira foi eminentemente africana.

A África, foi a principal fonte de mão-de-obra escrava para o Brasil. Seguindo a letra de Joaquim Nabuco que em seu livro *O Abolicionismo* [2010] a firma que:

A escravidão entre nós não teve outra fonte [...] se não o comércio de africanos. Tem-se denunciado diversos crimes no Norte contra as raças indígenas, mas semelhantes fatos são raros. Entre os escravos há, por certo, descendentes de caboclos remotamente escravizados, mas tais exceções não tiram à escravidão brasileira o caráter de puramente africana. Os escravos são os próprios africanos importados, ou os seus descendentes. (NABUCO, 2010, p. 41).

Essas são as bases históricas do racismo. O Brasil é um país que não pode ser compreendido como os outros países ao redor do mundo, haja vista o fato de ele ser um país extremamente peculiar. Essa peculiaridade por sua vez se dar pelo fato de o Brasil não possuir uma unidade, não há um elemento específico que o caracterize seja ele étnico, racial cultural ou mesmo religioso isso porque o Brasil é um país plural e diverso. Recorrendo a antropologia podemos descrever a sociedade brasileira como sendo eminentemente miscigenada, os povos que a compõem não são puros, mas sim povos mestiços o que nos leva a afirmar que não há nenhuma espécie de arianismo². A despeito disso, podemos fazer a seguinte pergunta: apesar de o Brasil ser um país mestiço, plural e diverso sendo composto por diversas etnias, sendo uma das principais a africana, porquê há tanta discriminação e intolerância contra os povos negros? Porque o racismo perdura? Joaquim Nabuco nos ajuda a responder a tais questionamentos quando diz:

“[...] não acredito que a escravidão deixe de atuar, como até hoje, sobre o nosso país quando os escravos forem todos emancipados. A lista de subscrição, que resulta na soma necessária para a alforria de um escravo, dá um *cidadão* mais ao rol dos brasileiros; mas é preciso muito mais do que as esmolas dos compassivos, ou a generosidade do senhor, para fazer desse novo cidadão uma unidade, digna de correr, ainda mesmo infinitesimalmente, para a formação de uma nacionalidade americana. [...]”. (NABUCO, 2010, p. 101).

² Deste modo podemos compreender que “[...] A noção da mestiçagem, cujo uso é ao mesmo tempo científico e popular, está tudo saturada de ideologia. [...] Se toda e qualquer mestiçagem é um processo pelo qual um fluxo gênico aproxima duas populações, pode-se constatar que os estudos clássicos só tratam de alguns casos no conjunto dos fluxos que se estabeleceram de uma população à outra e excluíram implicitamente outros casos. Ou seja, houve uma grande tendência em utilizar o termo apenas quando a visibilidade imediata da deferência fenotípica entre duas populações provocava a percepção de uma distância biológica a atravessar. [...]”. (MUNANGA. K. 2009, p. 18).



A maior riqueza da sociedade brasileira é a sua diversidade, somos um povo múltiplo e plural, uma grande mistura de culturas e histórias. No entanto, essa diversidade nem sempre foi ou é vista com entusiasmo, mesmo até como algo positivo, pois ao ser celebrada as diversidades entre os povos, pessoas e culturas foram julgadas e classificadas em hierarquias, sendo que quem fica no topo destas tais hierarquias são sempre os brancos europeizados é a isso que damos o nome de “racismo”, um problema antigo e muito violento. Como entender esse fenômeno e acima de tudo, como enfrenta-lo?

Kabengele Munanga em entrevista ao programa Café Filosófico diz que não existe uma receita pronta para esse problema, caso houvesse, já o teríamos resolvido. Contudo, é possível encontrar formas alternativas de combate ao racismo, assim teremos condições de evitar seu surgimento com nova roupagem a mais expressiva nos dias de hoje é o que podemos chamar de racismo estrutural. O primeiro e mais fundamental passo para se combater o racismo é entender o que ele é, deste modo é preciso que haja também um vigoroso processo de reeducação afim de formar nos jovens uma nova consciência e ser com isso capaz de mudar as gerações futuras. Para que isso seja possível e para que possamos tecer comentários a cerca do racismo e poder com chegar ao problema fundamental deste estudo que é a saber: qual o papel da escola no combate às práticas racistas? é preciso antes de tudo, entender o que é racismo. Segundo pensa Djamila Ribeiro (2019, p.12) “[...] O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. [...]”. É preciso acima de qualquer outra coisa quando se fala de racismo reconhecer o seu caráter estrutural. Sempre pensamos que o racismo cria vulnerabilidades e é verdade, ele cria grupos que estão sujeitos a diversas formas de violências, cria pessoas que estão sujeitas a pobreza e a miséria, mas ele cria também poder ao dar motivação àqueles grupos que no curso da história foram relegados ao esquecimento na busca por reconhecimento e a direitos. Somente assim poderemos combatê-lo.

A compreensão de que o negro é inferior, hoje um estereótipo que associa sempre os negros a ações degradantes, reprováveis ou mesmo de “pouca relevância social”. Quando os negros frequentam os espaços de poder, são sempre confundidos com copeiros, camareiras ou garçons, se for um hotel de luxo e se forem mulheres negras são comumente confundidas com prostitutas. Não é intuição deste estudo ofender ou mesmo desrespeitar, denegrir estas profissões ou mesmo questionar a dignidade dos profissionais, mas o sim o fato é que o estereótipo existe, é um fato. O lugar do negro é na senzala e não na casa grande. Constituem



uma raça diferente e muito mais inferior³. Aluísio Azevedo [1857-1913] em sua obra inaugural do Naturalismo no brasileiro *O Mulato* [1881] deixa claro isso quando se discute a ordenação sacerdotal de padres negros, o que era visto como uma afronta e um desrespeito à moral e aos bons costumes “[...] nós já temos por aí muito padre de cor! [...]”. (AZEVEDO, 2012, p. 35). Isso mostra que para alguns o negro não deve ter um lugar na sociedade, haja visto o fato de “não terem capacidades” para tal, além é claro a “capacidade” de servir, de ser animal de trabalho, em outras palavras, de ser burro de carga. O trecho abaixo deixa isto claro:

— Mas, compadre, venha cá, não é isso...

— Ora o que, homem de Deus! É só — ser padre! É só — ser padre! E no fim de contas estão se vendo, as duas por três, superiores mais negros que as nossas cozinheiras! Então isto tem jeito?... O governo — e o cônego inchava as palavras — o governo devia até tomar uma medida séria a este respeito! Devia proibir aos cabras certos misteres!

[...]

E mostrava a carta, esmurrando-a — pode contar-se logo com um homem inteligente! Deviam ser burros! Burros! Que só prestassem mesmo para nos servir! Malditos!

— Mas, compadre, você desta vez não tem razão...

— Ora o que, homem de Deus! Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até parece tolo! [...]. (AZEVEDO, 2012, p. 35).

Aluísio Azevedo, importante pensador brasileiro do século XIX meados do século XX, já na introdução de *O Mulato* diz que em uma sociedade tradicional “[...] o preconceito pesava mais que a razão. [...]”. (AZEVEDO, 2012, p. 9). Mesmo que hoje esse patriarcalismo tendo perdido força e que vivamos em um contexto plural e das diferenças, afirmações como essa ainda se mostram em grande medida verdadeiras ou ainda há aqueles que as consideram assim. Para tanto, é preciso como já foi afirmando em outros momentos desde estudo entender o caráter estrutural do racismo, de modo que segundo aponta Silvio Almeida, é normal, ou seja, o racismo trata-se de uma manifestação normal de uma sociedade e não só de um fato individual de ser ou não racista. Desta forma,

³ Sobre a compreensão de raça Silvio Almeida esclarece que: “[...] A noção de *raça* como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Raça não é um termo fixo, estático. [...] Foram, portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça. A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a *unidade* e a *multiplicidade da existência humana*. [...]”. (ALMEIDA, 2021, pp. 24-25).



[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais — e, portanto, incompletos — de conceber o racismo. [...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade. (ALMEIDA, 2021, p.21).

São profundas as raízes do racismo e ferem o indivíduo não só em sua dignidade, mas, sobretudo, na sua humanidade de modo que o racismo não se trata apenas de apelidos pejorativos, o racismo nega direitos básicos e é acima de tudo como afirmado antes, um ataque a dignidade e a humanidade do indivíduo vítima de tal prática. É obscuro considerar normal que um grupo racial que não é a maioria domine toda a produção, enquanto que a maioria (neste caso os negros) fiquem relegados às periferias da produção econômica, artística e intelectual. É imoral considerar normal que só os brancos possuam direitos, dignidade e acima de tudo, liberdade. Podemos ver como é destoante as duas realidades, a negra *versus* a branca na seguinte passagem de Lima Barreto:

[...] O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, e lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundo, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... Os meus 19 anos eram sadios e poupados, e meus membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo em repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada. Além de tudo, eu sentia que a minha fisionomia era animada pelos meus olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pai. Demais, a emanção da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade... Por que seria então, meu Deus? (BARRETO, 2018, pp. 29-30).

E porque seria se não pela cor. A cor que é um elemento biológico humano passou a ser um determinante social e político, uma vez que se tornou um pré-requisito para a aceitação ou não do indivíduo na sociedade. A cor tornou-se uma maldição, que por conta da forma como as pessoas negras foram tratadas no passado, hoje ainda podemos perceber a diferença



de tratamento entre negros e brancos. A maioria das vítimas de violência são pessoas negras, as que estão mais sujeitas a pobreza e a miséria também são pessoas negras, nesse ínterim, o racismo está enraizado em todas as estruturas humano-social. Por esses motivos se fala em racismo estrutural.

[...] Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2021, p. 52).

Essa mudança a que fala o pensador, para que seja possível, é preciso antes de mais nada, investir na educação, pois como afirmou Joaquim Nabuco, só uma educação séria e viril pode transformar a sociedade e nos permitir assim erradicar a prática do racismo. Mas o que torna o racismo, racismo? Pois sabemos que nem sempre fazer referência a cor se está sendo racista, de modo que muitas pessoas possuem apelidos que referenciam a cor do indivíduo tais como: “Dona Neguinha”, “Chico Preto” ou “Negão” só para citar alguns. Não é racismo tratar tais pessoas por seus apelidos haja visto o fato de não se tratar de uma violência. Então que faz torna o racismo ser o que ele é, uma violência? A esta pergunta podemos responder de forma bem simples: a intensão faz com que certos comportamentos venham a ser de fato racistas, ou seja, a principal motivação do racismo, nada mais é que a intensão. A diferença de cor, assim como a separação dos seres humanos em raças não existe respaldo algum e a antropologia, assim como a biologia ainda mais depois do sequenciamento do genoma que não existem diferenças biológicas que justifiquem as variadas formas de discriminações entre seres humanos, ou seja, o racismo também é acima de tudo uma postura política.

A transformação do mundo, do outro e das concepções de mundo e acima de tudo do que é e de quem é o outro, é o que mais marca a luta contra todas as formas de discriminação e de segregação, com isso, aqueles grupos minoritários que foram silenciados nos cursos da história e relegados às periferias passa a ocupar espaços de poder, passam a ter lugar de fala⁴. De forma bem genérica podemos entender lugar de fala como sendo a tomada de autonomia que grupos minoritários passara a ter, tais como negros e negras que passaram a ocupar

⁴ Não vamos aqui aprofundar a discussão a cerca deste conceito, haja visto o fato de não ser este o objetivo principal deste estudo, o citamos apenas a título de exemplo, para tanto, aqueles que quiserem aprofundar a leitura sobre o conceito. Cf. RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.



espaços de poder a exemplo podemos citar o Senado estadual e federal, até mesmo a presidência da república. Essas pessoas foram durante centenas de anos tratadas simplesmente como objetos, as mulheres foram em grande medida apenas objeto sexual que satisfazia a vontade dos senhores, enquanto que os homens não passavam de animais para trabalhos brutais, eram piores que animais. Segundo aponta Djamila Ribeiro (2021, p. 55) os “[...] grupos que sempre estiveram no poder passaram a se incomodar com o avanço dos discursos de grupos minoritários em termos de direito. [...]”. Nesse ínterim, o que podemos perguntar é: que papel a escola tem nesse contexto de combate ao racismo e defesa do direito de tomada do lugar de fala dos grupos minoritários?

Podemos pressupor que no combate ao racismo, a escola ocupa um lugar central, visto que, ela atua como agente formadora, que trabalha para além da simples transmissão de conhecimentos, professores e suas disciplinas. A escola é protagonista em trabalhos que incentiva a sociabilidade, a troca de experiências entre os estudantes e possibilita que os mesmos possam ao mesmo tempo se tornarem agentes de combate as práticas racistas, não combater o racismo, mas também o bullying e uma outra série de violências e de preconceitos.

4 Educação e racismo: o papel da escola no combate

São muito vastas as implicações, e enorme é a importância para a vida social, política, cultural e existencial humana, os efeitos e impactos que a compreensão sobre o racismo tem em nossos tempos o que justifica nosso estudo e o levantamento de dados através de entrevistas, uma vez que não se trata unicamente de um levantamento da história de como surgiu o racismo, mais ainda do racismo estrutural, mas sim de ter um entendimento das suas consequências sejam elas social, emocional, afetiva e, sobretudo, psicológica sobre nossos jovens.

Outros fatores importantes a serem levados em consideração são as implicações desses movimentos e da orientação ariana (raça pura) que a mentalidade branca disseminou e ainda dissemina em nossos dias. Deste modo, a crítica aos pressupostos, conceitos e preconceitos que antecederam aos movimentos segregacionistas (*apartheid*, por exemplo) nos permite determinar quais são as variáveis que devem ser medidas e qual é a relação existente entre eles em nossos dias, ao mesmo tempo em que nos permite determinar a resposta à



pergunta norteadora da pesquisa do projeto que é: como que o Brasil sendo um país extremamente miscigenado ainda preserva uma mentalidade racista mesmo que não seja o racismo puro?

A escola é o espaço onde confluem uma pluralidade de personalidades, de gostos, projetos de vida e sonhos, é lá também o espaço onde ocorrem uma série de conflitos sendo a escola por muitas vezes o palco de agressões que pode chegar a extremos. Contudo, no combate a violências sejam elas de que espécie forem, a escola se torna também a principal ferramenta de combate haja visto o fato de que é lá que se trabalha a tolerância, a empatia, aprende-se a compartilhar o espaço, em linhas gerais, aprende-se a socialização. Contudo, é importante ressaltar que não cabe a escola educar, a escola não é o espaço de educação, a ela cabe o papel de escolarizar, ou seja, transmitir um conhecimento cientificamente elaborado e nesse processo há o processo de “educação”. É importante ressaltar, que o processo de educação está ficando cada vez mais restrito às escolas, estas por sua vez estão desempenhando os papéis das famílias o que nos leva a crer que só existe educação nas escolas e que só elas são responsáveis por ela. Segundo apontam Gomes e Pinto em seu ensaio *A função social da educação: uma reflexão a partir de Paulo Freire e Theodor A. Adorno* [2020]

Refletindo sobre o papel da educação hoje, pode-se analisar, com o decorrer do tempo, em muitos casos, acontece uma redução, uma restrição da sua predominância a um só lugar, trancada entre quatro paredes nas salas de aulas, restrita aos muros das escolas, em que um fala e os outros escutam, sendo que neste sistema as atenções centram-se em uma única pessoa, o professor, o saber pelo saber vai se limitando e aquelas relações sociais aprender-ensinar-e-aprender foram comprometidas. A educação foi então sistematizada e regulada por diretrizes, tabelas, cronogramas e organogramas. Não há mais uma busca ou interesse pelo simples saber, pelo questionamento do verdadeiro conhecimento. Assim, atribuiu-se às escolas a inteira responsabilidade de educar e formar o cidadão, suscitando a seguinte questão: será que as escolas desempenham verdadeiramente o papel de formar cidadãos livres e autônomos ou simplesmente mão de obra, nas palavras de Karl Marx, “massa sobranante”? (GOMES; PINTO, 2020, pp. 60-61).

Houve uma migração do pensamento científico, hoje os estudantes não fazem mais as grandes perguntas, as perguntas fundamentais, migraram para as plataformas digitais, tornando-se por assim dizer *influencers* e a escola perdeu em muitos aspectos a sua essência e tornou-se um mero espaço de convivência dos adolescentes.

A escola que deveria gerar autonomia acaba, mesmo que involuntariamente e apesar de todos os esforços gerando o que *Karl Marx* [1818-1883] chamou de “*massa sobranante*”. É



nitidamente perceptível que os estudantes detêm um vasto conhecimento sobre muitos assuntos relativos às problemáticas trabalhadas na escola, a exemplo podemos citar o bullying e no caso do problema deste estudo, o racismo. A pesquisa realizada na EEMTI Huet Arruda, mostrou que os seus alunos são sim capazes de reconhecer o racismo, mostrou também que assim como são capazes de reconhecer o racismo e suas práticas, por outro lado não o são de reconhecer os elementos estruturais dessa das práticas discriminatórias (racismo estrutural) enquanto uma estrutura que pertence de forma cabal a construção social brasileira. Mas o racismo enquanto violência pura e direta que é perpetrada contra sujeitos que pertencem a uma etnia diferente ou possui uma cor que não seja a branca, é visto sempre com alguma forma de discriminação.

Os próprios estudantes em suas intervenções perceberam a importância de se estudar e discutir o assunto, assim com os mesmos apontaram a falta de projetos na escola com foco no combate ao racismo e a práticas discriminatórias. No entender dos alunos a escola se restringe ao dia da consciência negra, onde é feito um evento que tem como propósito falar sobre o papel do negro na sociedade. Ainda de acordo com os alunos este evento está sempre focado no período escravista do Brasil e nos movimentos abolicionistas da época com foco quase que exclusivo em Zumbi dos Palmares.

Com isso fica claro a compreensão dos alunos sobre a problemática do racismo, fica ainda mais nítido quando paramos para analisar o conteúdo das suas intervenções nas aulas das disciplinas de Trilhas de Aprofundamento a exemplo podemos citar um aluno do 2º ano turma A que propôs como problema de pesquisa *“compreender o papel da lei no combate, uma vez que ela não tem a eficiência que deveria ter, pois segundo o aluno, mesmo tem a lei como instrumento de controle ainda permanecemos sendo racistas”*. Outra aluna agora do 2º ano turma B trouxe como proposta de pesquisa *“compreender como está posto o problema do racismo na comunidade LGBTQIA+, uma vez que esta comunidade além de sofrer discriminação por conta da orientação sexual, há ainda o agravante da cor”*. Ainda no 2º ano B outra aluna trouxe como problemática *“compreender os aspectos político-sociais de o porquê que negros e indígenas terem dificuldade em ter acesso a bens públicos como a saúde, se é uma questão puramente econômica ou se a cor e a raça são fatores determinantes”*.

Diante das propostas dos estudantes, foi possível perceber que os mesmos possuem conhecimento a cerca do assunto, que é imprescindível a escola desenvolver ações e projetos que permitam a ampliação de tais conhecimentos e o aprofundamento das discussões das



propostas dos estudantes, com isso há o estímulo a pesquisa e a produção científica. Essa necessidade se dar pelo fato de que, mesmo aos alunos da EEMTI Huet Arruda tendo a clareza da importância da temática e que há consequências do não combate que são necessariamente pessoas racistas. Mesmo os estudantes tendo entendimento e compreendam a importância do combate ao racismo, ainda assim não foram capazes de levar adiante suas propostas de pesquisa, o que mostra que há uma imensa falta de emancipação. Deste modo,

[...] a educação tem como objetivo, emancipar, libertar e transformar o indivíduo. Seu intuito é levá-los a pensar por si e, com isso, buscar transformar o mundo. A educação que emancipa, leva a uma autorreflexão dirigida para a autonomia, autolegislação, ou seja, a legislação de si próprio. (GOMES; PINTO, 2020, p. 66).

Essa autolegislação quer dizer, um sujeito autônomo que não pensa segundo os interesses e a vontade de outros, deste modo, podemos pensar como *Theodor W. Adorno [1903-1969]* quando disse que: “[...] a minoridade é auto-inculpável quando sua causa não é falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. [...]”. (ADORNO, 1995, p. 169). Essa é justamente a postura assumida pelos estudantes, a de menoridade e de covardia, falta de coragem de servirem-se do próprio entendimento. Outro pensador que nos ajuda a com esta questão é o brasileiro *Anísio Teixeira [1900-1971]*, que ao falar do papel da escola, diz que:

A escola era, nos tempos que precederam o nosso, a instituição que velava para que se não perdessem os esforços de conhecimento e de cultura, que não podiam facilmente ser transmitidos na vida direta e imediata dos homens. [...], no entanto, a civilização industrial e experimental, recentemente erguida, alterou todo esse quadro. (TEIXEIRA, 2007, pp. 110-112).

É o que pode ser visto nas escolas hoje, a industrialização experimental nas escolas, que em outras palavras gerou uma dependência tal por parte dos estudantes de tecnologias: os celulares. Mesmo que haja um esforço hercúleo por parte dos professores e da escola em reverter essa situação, por fim a dependência dos estudantes de eletrônicos. A condição de submissão que os estudantes demonstram ter em relação as tecnologias dificulta ou mesmo impede que os mesmos alcancem a autonomia e a emancipação. Deste modo, não é possível o que propôs Adorno (1995), o professor torna-se obsoleto. Contudo, o que se perceber a pesar de todo o dispêndio de energia dos professores e da escola, é possível ver uma forte resistência dos alunos, isso leva a uma mera reprodução mecânica por parte dos estudantes,



haja visto o fato de não mais inquirirem, perguntarem, não são mais curiosos, meramente reproduzem o que o professor faz. O conhecimento gira sempre em torno do mestre, ou seja, do professor, é o que *Paulo Freire [1921-1997]* chamou de educação bancária. Para ele,

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. [...] Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2013, p. 80-81).

Essa narração e mecanização dos estudantes os impede de desenvolver suas próprias capacidades de leitura, escrita, artísticas, científicas e etc., haja visto o fato de ser 100% dependentes dos professores, basta observar que, se o professor não escrever nada no quadro, os alunos também não escrevem nada, não tem a habilidade de fazer anotações a partir da exposição do professor. Assim, os professores não se tornam obsoletos como bem propôs Adorno. Em meio as brincadeiras, sobretudo, aquelas com conotação racista possuem muitas verdades, os professores, mesmo presenciando tais brincadeiras não tomam partido, afim de orientar os estudantes quanto a origem e o sentido das piadas que estão travestidas de inocência, mas que carregam uma enorme carga de preconceito. Ou será que o próprio professor não tem essa consciência? Isso deixa ainda mais claro que é fundamental que a escola, não só a que serviu como recorte para a pesquisa a EEMTI Huet Arruda, mas todas as escolas de que é imperativo investir, desenvolver práticas e projetos que visem combater e orientar os seus alunos contra as práticas racistas.

É de suma importância investir em práticas que tem como finalidade o letramento racial, a exemplo, podemos citar a criação de uma biblioteca orientada para a produção de pessoas negras: filosofia, sociologia e literatura negra, fazer sempre que possível referência a pensadores e pensadoras negras etc. É preciso que haja um reordenamento dos conteúdos, ou seja, um reordenamento dos saberes. De modo que:

[...] O saber do aluno, normalmente, é fragmentado, caótico, estereotipado, fruto de sua socialização na formação social capitalista. O professor precisa reordenar esse saber e o seu próprio, elucidando-o, tornando-o coerente. É a partir dessa tarefa “diretiva” que ele e o aluno, juntos, ganham consciência da qualidade de seu



conhecimento e de como ele é produzido. É apenas dessa forma que eles podem romper com o velho e construir o novo. (GADOTTI, 1997, p. 91).

Esse novo é justamente uma escola solidária, com alunos que consigam ver para além das aparências, das brincadeiras, alunos com um sendo crítico que por si só consigam se agentes protagonistas da produção do conhecimento e da ciência. A escola ocupa lugar central da formação humana, na construção de uma sociedade livre de preconceitos e menos violenta. Contudo, é preciso que haja um esforço conjunto entre escola e família na formação de pessoas desconstruídas, onde os antigos paradigmas dão lugar a novos, onde os tabus e dogmas são quebrados e com isso novos valores podem ser criados.

5 Considerações finais

É sabido que o Brasil é um país que não pode sob hipótese alguma ser pensado a partir de um ideal de unidade, isso por conta do alto grau de miscigenação que o compõe, a base do Brasil está assentada sobre três grandes povos a saber: indígenas, africanos e portugueses, sem contar outros como holandeses, japonese, alemães e italianos, este fato torna o Brasil o país mais diverso do mundo, ao menos é um deles. Mas porque apesar de toda a miscigenação o constitui é ainda um país racista? Para que possamos responder a esta pergunta de modo satisfatório é preciso retornas às origens brasileiras, o que nos leva de volta a um período sombrio da história do Brasil, que é a escravidão. As origens do Brasil estão sob o sague de dezenas de pessoas que foram raptadas de suas terras, de suas pátrias e privados de liberdade, dignidade, humanidade e da própria vida, ou seja, o Brasil está assentado sobre o racismo.

O racismo ainda perdurará por incontáveis anos, e isso é um fato. Contudo, esforços hercúleos tem sido dispensados para que sua força seja cada vez menor sobre as novas gerações, onde a escola ocupa lugar central nesta luta. Por mais central que possa ser as posições das escolas nesta luta, percebe-se que ela tem sido travada mais nos meios virtuais, quando deveria na verdade ser travada nas salas de aula. A partir dos apontamentos feitos neste estudo e apesar do papel central que a escola ocupa no combate não só ao racismo, mas também ao bullying a e todas as formas de violência, podemos concluir que não há um efetivo



no combate. A pesquisa feita na EEMTI Huet Arruda, no município de Moraújo-CE deixou claro isso, uma vez que as escolas em grande medida não se preocupam com a produção do conhecimento, sendo este restrito às academias e aos liceus.

A pesquisa mostrou que os estudantes que são de uma faixa etária de 15 a 18 anos possuem conhecimentos que os permite reconhecer as práticas e comportamentos racista, ao mesmo tempo, não são capazes de reconhecer os aspectos estruturais do racismo. O que significa dizer que a escola não investe, ao menos como deveria em desenvolver projetos que incentive o combate a essa prática. Segundo o entendimento dos alunos, a escola fala da importância do negro, do racismo e desenvolve práticas antirracistas apenas na semana da consciência negra, o que para eles não é suficiente, além do que se foca sempre no período escravista do Brasil, assim como na figura de Zumbi dos Palmares.

Mesmo, tendo conhecimento da importância do combate ao racismo, os alunos que estão nas 2ª séries de ensino médio ainda não tem condições de por si só levarem adiante duas propostas de estudo, apesar de a modalidade ser nova. É preciso que a escola invista em práticas que incentive a pesquisa e a produção do conhecimento, que aproxime os alunos das academias. Quando se trata do racismo, percebe-se uma certa inércia por parte das escolas, primeiro que em muitos casos, os professores acabam não tomando partido antes às práticas racistas, é importante salientar que não se trata aqui do racismo explícito, mas sim daquelas piadas travestidas de inocência. Essas práticas são em grande medida ignorada pelos professores. Neste sentido, é preciso que haja um reordenamento dos conhecimentos afim de que não só os alunos, mas também os professores possam criar o novo, uma escola nova livre de toda e qualquer forma de violência.

Referências

ADORNO. T. W. **Educação e Emancipação**. 6. ed. Trad. Wolfgang Leo Marr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Col. Feminismo Plurais).

AZEVEDO, A. **O Mulato**. 21. ed. São Paulo: Ática, 2012.

BARRETO, L. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. *In*: BARRETO, L. **Lima Barreto: obra reunida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, pp. 17-201.



BENJAMIN, W. Teses Sobre o Conceito da História. In: _____. **Obras Escolhidas:** magia e técnica, arte e política. 3ª. ed. Trad. Sérgio Paulo Ruanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, J. L. O. **A dimensão ético-política e a questão da emancipação das minorias no *Pensiero debole* de Gianni Vattimo**. Fevereiro de 2022. 207f. Ciências Humanas. Mestrado em Filosofia. Universidade Estadual Vale do Acaraú | UVA. Sobral. 2022.

GOMES, J. L. O; PINTO, A, J, P. A função social da educação: uma reflexão a partir de Paulo Freire e Theodor A. Adorno. In. SANTOS, D. *et all.* **XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS**. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020. pp. 59-72.

GODOTTI, M. **Concepção dialética da educação:** um estudo introdutório. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional *versus* identidade negra. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NABUCO, J. O Abolicionismo. In: MELLO, E. C. (Org.) **Essencial Joaquim Nabuco**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010. (pp. 34-109).

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Col. Feminismo Plurais).

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicitudes de identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TEIXEIRA, A. **Pequena introdução à filosofia da educação:** a escola progressiva ou a transformação da escola. São Paulo: Editora UFRJ, 2007.